

Narrativas de alunos das Escolas Parque de Brasília: um encontro intergeracional com os ideais de Anísio Teixeira

Olívia Augusta Benevides Marques
Universidade de Brasília
oliviamarques11@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo compreender como alunos dos anos iniciais veem as aulas de música nas Escolas Parque de Brasília. O campo empírico são as cinco Escolas Parque de Brasília. Os colaboradores da pesquisa são alunos de uma turma de cada escola do 5º ano do ensino fundamental. Como referencial teórico foi utilizado os conceitos tratados por Manoel Sarmiento que abordam as culturas da infância e a participação das crianças em pesquisas e os conceitos dos ideais de Anísio Teixeira no contexto das Escolas Parque de Brasília. A metodologia empregada consiste na abordagem (Auto)biográfica e a técnica de pesquisa são as rodas de conversa. A análise da pesquisa até o momento, evidencia que as narrações dos colaboradores com relação à aula de música e ao contexto escolar em muitos aspectos se aproximam dos ideais de Anísio Teixeira sobre a educação e que dessas histórias podem surgir possibilidades e desafios de se construírem ideias, proposições e, quem sabe, princípios que emergem do conhecimento gerado das narrativas infantis.

Palavras chave: Escolas Parque de Brasília; Aulas de música; Narrativas infantis.

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Música e Contexto da Universidade de Brasília e tem como objetivo compreender como alunos dos anos iniciais veem as aulas de música nas Escolas Parque de Brasília. O campo empírico são as cinco Escolas Parque de Brasília. Os colaboradores da pesquisa são alunos de uma turma de cada escola do 5º ano do ensino fundamental. Como referencial teórico foi utilizado os conceitos tratados por Manoel Sarmiento que abordam as culturas da infância e a participação das crianças em pesquisas e os conceitos

que trazem os ideais de Anísio Teixeira partindo do seu interesse pelas crianças no contexto das Escolas Parque de Brasília. A metodologia empregada consiste na abordagem (Auto) biográfica e a técnica de pesquisa são as rodas de conversa. Apresento aqui parte da análise e interpretação das narrativas dos colaboradores que evidenciam aspectos do ideário de Anísio Teixeira, que intitulo como Encontros Geracionais.

A visibilidade das crianças nas pesquisas

As crianças, que se tornaram colaboradores da pesquisa em andamento, são alunos do 5º ano do ensino fundamental das cinco Escolas Parque – EP de Brasília. Essas unidades ofertam Educação Física, Artes Visuais, Música e Artes Cênicas com especialistas de cada área. As EPs que integram a Rede Pública de Ensino do Distrito federal, são consideradas pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal como escolas de natureza especial. Esses tipos de escolas são considerados Unidades Escolares cujas tipologias de atendimento são diferenciadas das Escolas Regulares da Rede Pública de Ensino.

O Plano Educacional de Brasília, idealizado por Anísio Teixeira, foi gerado a partir do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, uma proposta de educação profissionalizante e em tempo integral num bairro de Salvador, Bahia. Partindo dessa experiência o primeiro Centro de Educação Elementar serviria de modelo para a educação no Brasil. Os centros seriam estruturados por quatro jardins de infância para crianças de quatro a seis anos de idade e as Escolas Classe – EC para os alunos de sete a doze anos. Dentro da concepção de Anísio, a escola primária era dividida em dois setores: o da instrução que seria ministrado nas EC com quatro horas, e o da educação ministrado pela EP com mais quatro horas. (KUBITSCHKE, 2000, p.142)

Sobre a música nos anos iniciais, as pesquisas em educação musical têm abordado esse tema sob diferentes perspectivas: formação do professor quanto a quem deveria ensinar música nas séries iniciais (JOLY, 2007; BELLOCHIO e FIGUEIREDO, 2009; BELLOCHIO e GARBOSA, 2010; BELLOCHIO, 2012; BELLOCHIO E PACHECO, 2014); a escuta das vozes de crianças em pesquisas na área de Educação Musical (HEINKEL, 2010; PONSO, 2011; RIBEIRO, 2012; MARTINEZ, 2013;

PEDRINI, 2013). Dentre essas pesquisas, procurei dialogar mais com Pedrini (2013), que trata da temática – criança e pesquisa narrativa.

Para Pinto e Sarmiento (1997), o que especifica o campo de estudos sobre as crianças é o foco que se adota. Esse foco consiste em partir das crianças para o estudo das realidades de infância. Isso significa essencialmente duas coisas: a primeira é que o estudo da infância constitui esta categoria social como o próprio objeto da pesquisa, a partir do qual se estabelecem as conexões com seus diferentes contextos e, em segundo lugar, que as metodologias utilizadas devem ter por principal escopo a recolha da voz da criança, a expressão da sua ação e da respectiva monitorização reflexiva.

O lugar da criança é, de acordo com Sarmiento (2004), o lugar das culturas da infância, que é continuamente reestruturado pelas condições estruturais que definem as gerações em cada momento histórico. Com base nas palavras dos autores, entendo que as crianças, na sua completude, sabem pensar por elas mesmas. Esse reconhecimento das crianças, faz parte da idealização de Anísio Teixeira que pensava uma escola em que as crianças seriam o centro de origem de um sistema educacional.

O ideário de Anísio Teixeira

A criança, para Anísio Teixeira, “não poderia mais ser vista como um meio, mas como um fim em si mesma, cuja personalidade infantil não seria mais ignorada ou reprimida”. Isso consiste em dar mais direitos à criança, atenção aos seus impulsos, capacidades e diferenças fazendo da vida dela, algo interessante em si mesma. Nesse sistema, tomando como base o mundo da criança, a escola se reconhece na importante missão de conduzir o aluno a adquirir, na sua própria experiência, conhecimentos para a vida.

As escolas precisariam de uma reconstrução dos programas escolares, que por sua vez, teriam que ter como condição essencial, a vontade da criança e do adulto para uma aprendizagem integrada à vida. Assim, o papel do professor seria o de suscitar problemas e prover meios para que as crianças os resolvam. Anísio Teixeira referendou tanto os princípios

educacionais de John Dewey quanto os pressupostos das Escolinhas de Arte liderada por Augusto Rodrigues, que na sua visão, foram o grande diferencial para pensar em propostas educacionais escolares que pudessem oportunizar o acesso de crianças às aulas de arte devolvendo às atividades artísticas inseparáveis da formação humana para vida. Esse ideário orientou, tanto o projeto do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, quanto o sistema educacional da nova capital, sendo as especificidades das artes contempladas nos projetos da estrutura física e nos espaços arquitetônicos assegurando esses espaços para o desenvolvimento de propostas no campo da arte-educação, sendo assim considerado como “o arquiteto da educação brasileira”. (DÓREA, 2000, p.158)

Abordagem Teórico-Metodológica e Técnica de Pesquisa

Partir das narrativas das crianças como o centro vai ao encontro à abordagem (Auto)biográfica, pois, de acordo com Delory-Momberger (2012), o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida. Por meio das narrativas, podemos ter acesso à experiência do outro. Porém, de modo indireto, pois a pessoa traz a sua experiência da maneira como ela a percebe, ou melhor, da maneira como a interpreta, é fundada na relação entre formação e aprendizagem. Trata-se de compreender como se forma e se constrói o ser individual. É, portanto, relevante para se compreender as posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social.

Para esse momento das narrativas, utilizei as Rodas de Conversa (RC), por terem uma característica de partilha de experiências. Essa partilha em RC com crianças necessita de um diferencial na recolha dos dados, como nos explica Passeggi (2014).

A autora diz que nas pesquisas que têm como foco de produção e de análise dos dados das narrativas com crianças, é necessário criar um espaço lúdico em que sejam oferecidas ferramentas semióticas tais como: contos, desenhos, brinquedos, para que a criança possa se expressar, pensar sobre si mesma e, ou sobre o mundo, para enfim narrar.

E para as RC utilizei um protocolo que consistia na apresentação de um boneco do personagem de histórias em quadrinhos – Thor, criação do escritor Stan Lee, que pelo enorme sucesso da franquia: os Vingadores se aproximava do universo infantil como ferramenta semiótica. Para tanto, elaborei um pequeno roteiro de entrevista com base nos objetivos da pesquisa. Por uma questão ética e por serem crianças optei por não os identificar pelos nomes próprios e sugeri aos colaboradores e professores que escolhessem nomes de personagens de histórias em quadrinhos.

Encontros Geracionais a partir das análises das narrativas infantis

Durante o processo de análise fui percebendo que, em algumas narrativas dos colaboradores, evidenciava-se algumas das concepções de Anísio Teixeira sobre as crianças e sobre a escola. Apesar desses alunos não conhecerem esses ideais, a obra de Anísio Teixeira permanece. E, o interessante foi identificar nas narrativas dos colaboradores, com relação ao futuro, uma intersecção com o ideário de Anísio Teixeira que foi planejado há muito tempo. A seguir, apresento esses pontos de intersecção.

Os colaboradores da pesquisa veem a EP como um lugar “legal porque a gente aprende muita coisa, aprende a tocar instrumentos, a fazer exercícios jogar, esportes, fazer muitas coisas”. (Flash). Indo nessa direção, Hulk também narrou: “aqui é muito legal! Nós fazemos educação física, aula de música, nós aprendemos muito”. E essa aprendizagem é, nas palavras de Snoopy, bastante divertida: Eu acho a EP legal, divertida, também porque tem aulas divertidas, legais e porque a gente conhece professores novos. E Magali 1 esclarece no seu relato o que entende por aprendizagens:

É muito legal! Porque tem teatro, música, tem educação física, para a gente se exercitar melhor, para a gente também aprender, né! Em como se exercitar, porquê quando a gente crescer a gente não vai ter uma EP, e teatro para a gente saber como é que é apresentar, música para a gente saber cantar, aprender a tocar, e é muito legal. (Magali 1)

Ao que parece, os alunos têm consciência do papel da escola em suas vidas, que como afirma Nóvoa, é “um centro de aprendizagem” (NÓVOA, 2009, p. 04). Os conhecimentos adquiridos no espaço escolar são para fazer “fazer muitas coisas”. Isso lembra a visão de Dewey (1967, p. 8) trazidas por Anísio Teixeira ao pensar a EP, que é a de uma escola como laboratório da vida social voltado para o fazer.

Desse fazer emerge das narrativas dos colaboradores uma possível natureza do conhecimento que perpassam por verbos trazidos por eles como: tocar, jogar, divertir, brincar, aprender, saber, apresentar.

Essas diversas modalidades do conhecimento, retratadas nos verbos infinitivos acima, entram em conexão com aquilo que se narra e aquilo que se vive. Ou seja, a escola não pode estar apartada do mundo da vida e sim promover a vida dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, Anísio Teixeira complementa ainda, sobre a teoria da educação de Dewey, cujo mérito foi o de restaurar o equilíbrio entre a educação não formal recebida da vida e a educação direta e expressa das escolas, integrando a escola com a vida.

Ao apontar caminhos para a própria escola os alunos dão os seguintes conselhos: “Tem que ser bem grande” (Isadora); “E também a Escola Parque precisa de uma piscina para aprenderem a nadar porque tem gente que não sabe. Ia precisar de instrumentos [...] de uma biblioteca para a gente ler” (Mulher Maravilha 2); “Uma piscina bem grande, dez mil metros de profundidade e uma para os pequenos também sabe, a biblioteca maior, tipo dois andares, talvez...meio exagerada, com wi-fi, se pudesse mexer no computador, lá tivesse um montão de computador, se você tivesse à vontade para estudar e tivesse também eventos como a outra falou aqui, tipo exposição de arte, passeios e tal”! (Pikachu)

Além de espaços físicos maiores que possam abarcar o lazer, o esporte, a arte, a cultura e a tecnologia, compreendo nessas narrativas que, ao mesmo tempo que os colaboradores gostam do espaço físico escolar existente e o recomendam para o personagem Thor, eles também sugerem uma melhoria da qualidade desse espaço.

As EPs foram planejadas dentro do ideário de Anísio Teixeira “que não via só uma escola, mas um conjunto de locais, em que as crianças se distribuam entre as atividades de estudo, de

trabalho, recreação, reunião, administração, de vida e convívio”, fazendo com que “a arquitetura escolar combinasse aspectos da ‘escola tradicional’ com os da oficina, do clube, de esportes e de recreio, casa, comércio, restaurante e teatro”. (TEIXEIRA 1962, p. 21-33)

Por outro lado, os colaboradores querem se expressar não só musicalmente, mas na relação com outras áreas artísticas, como narram as colaboradoras Mônica e Denise. Mônica traz em sua narrativa a dança como uma prática a ser realizada na aula de música: “ele [o professor] também podia ensinar a gente a dançar, porque aula de música não é só para cantar e tocar instrumentos, também serve para dançar.”

Nesse aspecto, a colaboradora Denise entende que a dança e o teatro complementam o fazer musical. Ela disse que: “o que eu mais gosto de fazer é tocar instrumentos, cantar, dançar, que aqui na aula de música, a gente não toca só instrumentos, a gente faz um pouco de teatro também, a gente dança, mexe com bonecos. Acho que eu mais gosto... uma das partes que mais gostei, foi no ano passado que eu fiquei com um boneco chamado pirulito.”

Essa integração, dos projetos musicais, com as diferentes linguagens se assemelha com a pedagogia de projetos, cujas propostas foram divulgadas principalmente por Teixeira (1975), que acreditava que o ensino poderia ser dado por meio de projetos ao invés de “lições”. Esses projetos não acompanhariam, segundo ele, a sequência lógica de divisão das disciplinas, mas poderiam se organizar em consonância com os interesses e capacidades da criança.

Dessa maneira, a criança estaria empenhada em uma atividade de sua preferência e escolha, para que pudesse adquirir conhecimentos [musicais] que a levasse a prosseguir motivada nos estudos [da música]. Nesse tipo de proposta pedagógica, é possível permitir que a própria criança faça articulação dos resultados dessa aprendizagem às experiências vividas. Isso, no entendimento de Teixeira (1975), faz com que “a criança chegue a um alto grau de organização científica”, pois, “assim como o cientista, usa inteligentemente os recursos para a conquista de um determinado fim”, a partir da construção do seu próprio conhecimento. (TEIXEIRA, 1975, p. 80)

Isso lembra as palavras de Alheit (2011, p. 34) ao afirmar que, “somos nós que percorremos um processo de aprendizagem. Não existem substitutos para os processos de aprendizagem”. Portanto, é a criança quem toma as rédeas de sua experiência formativa.

Outro conselho dado por Franjinha se refere as competências e habilidades de professores de música: “Ele precisa tocar, acho que, quase todos os instrumentos”. Essa sugestão de Franjinha sobre as propostas para a aula de música é ampliada com outras ideias que os demais colaboradores trazem em suas narrativas:

Tem que ensinar, tem que ensinar a cantar, tem que ensinar as notas musicais, a tocar as coisas... e brincadeira da nota musical. (Flash) Sobre o professor ele poderia também dar mais instrumentos porque tem várias coisas que as pessoas não conseguem [...] ah, e também a gente cantar nos finais das aulas, como fazer uma brincadeira de quem acerta a música, cantar. (Magali1) Poderia ser um professor ou professora divertido, e também que ensinasse músicas diferentes, ensinasse vários tipos de instrumentos e poderia até ter instrumentos diferentes, que a gente nem conhecesse. (Marina2)

Sobre as brincadeiras na aula de música sugeridas pelos colaboradores, Lino (2010) esclarece que a música é essencialmente um modo de socialização, em que as pessoas manifestam sinestesticamente sua energia, brincando com sons.

No ato de brincar as crianças tomam contato consigo mesmas, com os pares e com os adultos, experimentando a interdependência existente entre a música, a escuta, o corpo e as paisagens sonoras de seu entorno; aprendendo e ensinando com prazer e significação o diálogo entre todas as músicas da música (LINO, 2010, p. 83-84).

Anísio Teixeira que, de acordo com Lipai (2004) definia a aprendizagem como um processo ativo, em que os interesses da criança devem ser a fonte de inspiração das atividades escolares. Ele também defendia duas ideias básicas: a gratuidade e a acessibilidade a todos da escola pública e a necessidade de implantação de experiências práticas em todos os níveis de conhecimento. E para que essas ideias acontecessem eram necessários três pontos básicos: o **lúdico** (educação artística, recreação e educação física), o **trabalho** (atividades em oficinas, hortas, etc.) e o **conhecimento acadêmico**. [grifos do autor]

Esse tripé, que fundamenta a formação global do aluno para o mundo da vida e do trabalho, é permeado pelo conhecimento científico. Esse no entendimento de Anísio Teixeira é um tripé que se retroalimenta, não desconsiderando um melhor do que outro, mas que os três funcionam em conjunto.

Considerações Finais

Este trabalho buscou apresentar parte da análise de uma pesquisa em andamento. A partir dessa análise é possível perceber que a presença do ideário de Anísio Teixeira é evidenciada, de algum modo, nas narrativas dos colaboradores. Esses ideais vão atravessando o tempo e se cruzando em um encontro intergeracional. Assim, localizar o tempo e espaço escolar, experienciado pelos colaboradores, é localizar o ensino de música no tempo e na forma como se expressam sobre.

Esses encontros mostram que para os colaboradores uma aula divertida é “fazer muitas coisas” assim com o posicionamento de Anísio que a escola é um laboratório da vida social voltado para o fazer. Dentro das diversas modalidades do conhecimento trazidas pelos colaboradores como: tocar, jogar, divertir, aprender, saber e apresentar, as narrativas mostram que a escola não pode estar apartada da vida e sim promover a vida dentro do ambiente escolar, o que na visão de Anísio, era a restauração do equilíbrio entre a educação não formal com a educação da escola ou seja a integração da escola com a vida.

Além de espaços físicos maiores que possam abarcar o lazer, o esporte, a arte, a cultura e a tecnologia, os colaboradores recomendam uma melhoria da qualidade desse espaço assim como Anísio que pensava em uma arquitetura escolar combinando esses espaços supracitados pelos colaboradores com a escola tradicional.

A integração da música com diferentes linguagens trazidas pelos colaboradores se assemelha com a pedagogia de projetos que teve em Anísio o seu maior divulgador por defender que, além de partir do interesse dos alunos, essa proposta fazia com que a criança elaborasse o seu próprio conhecimento.

As brincadeiras nas aulas são importantes para os colaboradores e para Anísio fazia parte de um tripé que fundamentava a formação global do aluno para a vida: o lúdico, o trabalho e o conhecimento acadêmico.

Acredito que as narrativas infantis apresentadas neste trabalho poderão gerar novos sentidos não somente à minha história como professora de música de Escola Parque, mas também nos modos de reler histórias produzidas no espaço escolar por crianças com autonomia. Esse é um modo de promover a escuta de si e do outro. São suas narrativas que produzem histórias, e delas as possibilidades e os desafios de se construir ideias, proposições e, quem sabe, princípios que emergem do conhecimento gerado das narrativas infantis.

Referências

ALHEIT, P. Biografização como competência -chave na modernidade. *Revista da FAEEBA– Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul. /dez. 2011

BELLOCHIO, C.R.; FIGUEIREDO, S. L. F. Cai, cai balão...Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em Música. *Revista Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 1, n.1, out. 2009.

BELLOCHIO, C.R.; GARBOSA, L. W. F. Educação musical na formação inicial e continuada de professores: projetos compartilhados do Laboratório de Educação Musical - LEM - UFSM/RS. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.37 p. 247-272, set. /dez. 2010.

BELLOCHIO, C. R. et al. A linha Educação e Artes e as pesquisas em educação musical no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSM. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 37, n. 01, p. 13-30, jan. /abr. 2012

BELLOCHIO, C.R.; PACHECO, E.G. Música (s) e educação básica: pensando processos formativos e ações profissionais na unicodência. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 39, n. 1, p. 39-54, jan. /abr. 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v.17, n.51, p.523-740, set-dez 2012.

DEWEY, J. Vida e educação. Trad. Anísio Teixeira; 6 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DINIZ, J. A. R.; JOLY, I. Z. L. Um estudo sobre a formação musical de três professoras: o papel e a importância da música nos cursos de Pedagogia. *Revista da Abem*, Porto Alegre, V. 16, 65-73, mar 2007.

DÓREA, C. R. D. Anísio Teixeira e as políticas de edificações escolares no Rio de Janeiro (1931-1935) e na Bahia (1947-1951). *23ª Reunião Anual da ANPEd* de 24 a 28 de setembro de 2000, Caxambu, MG.

HEINKEL, D. Ser criança é ir à escola, ter amigos de montão: A escuta da infância em seu “ofício de aluno”. 141 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) Departamento de pedagogia (DePe) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2010.

KUBITSCHKE, J. Porque construí Brasília. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2000.

LINO, D. L. Barulhar: a música das culturas infantis. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010.

LIPAI, A. E. *Uma arquitetura para o fluir da vida*. Integração, São Paulo, n. 37, p. 135-141, 2004.
MARTINEZ, A. P. A.; PEDERIVA, P. Concepções e implicações para o ensino da música na educação infantil. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v.12, n. 2, p.210-219, 2012.

NÓVOA, António. *Professores: Imagens do futuro presente*. Instituto de Educação EDUCA: Lisboa, 2009.

PASSEGGI, M. C. Nada para a criança sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, A.C.; SAMPAIO, C. S. S.; PASSEGGI, M.C. (Orgs.) *Infância, aprendizagem e exercício da escrita*. Curitiba: CRV, p.133-148, 2014.

PEDRINI, J.R. Sobre aprendizagem musical: um estudo de narrativas de crianças.131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coords.) *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Universidade do Minho, 1997.

PONSO, C. C. Música na escola: concepções de música das crianças no contexto escolar. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. KUBITSCHER, J. *Porque construí Brasília*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2000.

RIBEIRO, A. M. M. P. Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças, 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal, Asa Editores, 2004.

TEIXEIRA, A.S. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.38, n.87, jul. /set. 1962. p.21-33.

_____. *Pequena introdução à filosofia da educação*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 7.ed.,1975